



BOCA DO POVO



OMAR PERES

omarperes.blogspot.com

Exploração

Aconteceu no fim de semana. Uma família, saindo de Belo Horizonte para breve período de férias, abasteceu o carro pagando R\$ 2,20 o litro da gasolina. Em Juiz de Fora, reabastecendo, pagou R\$2,50. Já em Cabo Frio, enchendo o tanque de novo, desembolsou R\$ 2,90. Observe-se que, quanto mais perto das fontes de petróleo, mais cara a gasolina.

Insuportável

O calor dos últimos dias acentua o mau cheiro que exala dos bueiros da Rua Halfeld. Para quem trabalha ou mora ali a coisa está se tornando insuportável. Além do calor, contribuem para isso a rara limpeza dos esgotos e os restos lançados pelas lanchonetes, o que é facilmente comprovado pela obesidade dos ratos que apreciam um passeio pelo calçadão.

Ninguém compra

Se por todos os lados veem-se os sinais da crise, não seria o comércio que estaria a salvo. Para quem passa diante das lojas da cidade, principalmente das galerias centrais, nota-se facilmente a ausência de compradores. Há comerciantes afirmando que nem tem valido a pena abrir as portas antes de 10h, que é quando começa algum movimento, ainda que modesto e discreto.

FERNANDO BARBOSA



Flagrante de desrespeito às regras de trânsito foi registrado na Rua Osvaldo Aranha, no Bairro São Mateus. A irregularidade, no entanto, foi cometida por causa de um buraco que ameaça se abrir no meio da via. Até agora, a Secretaria de Obras só sinalizou o local, mas o reparo do asfalto ainda não foi feito.

Perigo à vista

Recomeçaram as aulas ontem. Calcula-se que o calendário escolar seja responsável por 60 mil pessoas a mais circulando na zona urbana, o que é suficiente para aumentar os problemas no trânsito, principalmente nas proximidades dos estabelecimentos de ensino. Os perigos aumentam com a chegada de fevereiro.

Olho em JF

Em seminário realizado pela Assembleia Legislativa, destinado a debater a situação de Minas frente à crise, o empresário José Fernando Coura sugeriu que os deputados voltassem sua atenção para Juiz de Fora. Por quê? Porque está paralisada a indústria do zinco, o que compromete a produção nacional em 100 mil toneladas/mês. O problema é que não há demanda, e o Brasil é o maior produtor de zinco do mundo.

O País ignora os partidos

Na opinião de muitos, fevereiro é ainda cedo para se dar trato às coisas de uma eleição que só vai acontecer no ano que vem. É uma observação correta, mas apenas sob alguns aspectos, e é sobre um deles que devíamos refletir mais demoradamente. De fato, não teria sentido, por exemplo, fazer a população desviar-se de suas atividades e preocupações diárias para tratar de política, até porque o interesse do eleitorado começa mesmo é no final do primeiro semestre de 2010, quando os convencionais apresentarão suas decisões. Mas, paralelamente, fevereiro ou qualquer outro mês do atual semestre já devia figurar nas cogitações dos partidos, para que tenham tempo suficiente de mostrar o que são e o que têm a propor. Quanto a isso, é certo que já é tempo de agir, mesmo porque há um grande desconhecimento em relação às responsabilidades políticas das legendas.

Talvez essa ausência e o fato de a sociedade brasileira ignorar os programas partidários ajudem a justificar o que revelou recente pesquisa de uma entidade empresarial de São Paulo. Nela, a organização partidária brasileira é contemplada entre as instituições de mais baixa credibilidade. Estou certo que tal conclusão reflete

muito mais o desconhecimento, que propriamente uma censura. Os partidos brasileiros não se expõem didaticamente, e, quando utilizam os horários de propaganda gratuita em rádio e televisão, preferem, salvo poucas exceções, encher o tempo com divagações, lugares-comuns e falsos cenários. Bom seria que revelassem o que são e o que querem. Eu acrescentaria algo mais: eles deviam também explicar como poderiam tornar realidade o que tão facilmente prometem.

Alguma coisa tem de ser feita para suprir o vácuo que permanece entre as entidades políticas e o eleitor, porque sem isso também se consolidam antigos defeitos e deficiências da representação política. Como está hoje não é bom que permaneça.

Voltando a este começo de ano, que é véspera de eleição presidencial, quando ainda se considera antecipação desnecessária tratar da sucessão, melhor é que, mesmo sem falar em candidatos e alianças, os partidos viessem aos meios de comunicação e pedissem licença para se apresentar: o porquê de se chamarem trabalhistas, ou republicanos, ou socialistas, ou democratas.

O.P.